

Relevo

*Benett
Laura Beal
Flavio Gomes
Leandro Maia
Ivan Justen Santana
Efraim Rodrigues
Nina Crintzs
Giuliana Alboneti
Daniel Zanella
Maria Carolina Lippi
Fernando Mad
Alexandre Fernandes
Antonio Carlos Senkovski*

Editorial

A vida de um jornal de literatura erigido em uma cidade de contornos interioranos não é nada fácil.

Todo final de mês, quando a diagramação já está bem encaminhada, só restando os últimos acertos e caprichos, contamos demoradamente as notas do nosso caixa - de fato, uma caixinha verde de metal - em busca da multiplicação dos trocados.

Estamos na edição 4 do ano II, ou seja, edição 16. Nascemos 16 vezes, em 3 edições operamos ligeiramente no azul. Há motivo para se lamentar?

Não. E te digo, leitor. Acreditamos que, de certa forma, cumprimos uma função social importante: divulgar escritores e ilustradores comprometidos com o crescimento do público ligado à cultura.

É pretensão de nossa parte. Sabemos disso. A falta de um público leitor não está relacionada apenas com o número de impressos, tampouco

o tema é exclusivamente da alçada governamental, como defendem comunistas do século passado, com discurso embotado e recheado de palavras de protesto.

Temos, primeiramente, que fazer algo - enquanto cobramos mais efetividade dos projetos públicos de desenvolvimento cultural.

Queremos dizer que o nosso modesto jornal atravessa um período delicado, mas estamos enxergando algumas saídas, inclusive, estamos a agradecer aos anunciantes desta edição, que possibilitam o pagamento parcial dos custos de gráfica.

Se você, leitor, tem ideias para nos ajudar, entre em contato conosco. (Só não nos sugira patrocínio público. Temos que reconhecer que há coisas mais primordiais para se investir do que no nosso impresso de crônicas.)

Uma boa leitura a todos.

E que venha a próxima edição.

Apoio Cultural



Colaboradores

José Marconi

Ilustrador e professor efetivo da Universidade Federal do Paraná na Graduação e Pós-graduação em Design. Publica seu trabalho no endereço jose-de-souza.prosite.com

Daniel Zanella

Cursa 4º período de Jornalismo na UP. Publica suas crônicas no endereço letrasnumcanto.com.br

Priscila Schip

Cursa 8º período de Jornalismo na Universidade Positivo. Publica seus textos no endereço letrastracadas.wordpress.com

Benett

Cartunista radicado em Curitiba. Publica suas tiras, ilustrações e charges no jornal Gazeta do Povo, no Le Monde Diplomatique e na Folha de S. Paulo. Também publica seus trabalhos no endereço benettblog.zip.net

Laura Beal

Cursa 6º período de Jornalismo na UP. Publica seus textos no endereço dancadotempo.wordpress.com

Flavio Gomes

Jornalista, cobre Fórmula 1 para 12 jornais brasileiros através de sua agência Warm Up. É também comentarista, apresentador e repórter da ESPN Brasil e da rádio Estádio ESPN. Publica seus textos no endereço flaviogomes.warmup.com.br

Leandro Maia

Poeta e músico curitibano. Publica seus textos no endereço poesiaeoutrasbobagens.blogspot.com

Ivan Justen Santana

Poeta e tradutor paranaense. Publica seus textos no endereço ossurtado.blogspot.com

Efraim Rodrigues

Professor e Doutor pela Universidade de Harvard, autor dos livros Biologia da Conservação e Histórias Impublicáveis sobre trabalhos acadêmicos e seus autores. É colunista da Gazeta do Povo e publica seus textos no endereço ambienteporinteiro-efraim.blogspot.com

Nina Crintzs

Escritora paulista. Publica seus textos no endereço purplesofa.wordpress.com

Giuliana Alboneti

Cursa 4º período de Direito na UP.

Maria Carolina Lippi

Cursa 6º período de Jornalismo na UP. Publica seus textos no endereço carollippi.blogspot.com

Fernando Mad

Cursa 6º período de Jornalismo na UP. Publica seus textos no endereço angulobtuso.wordpress.com

Alexandre Fernandes

Cursa 8º período de Jornalismo na Unibrasil. Publica seus textos no endereço allejo.com.br.

Antonio Carlos Senkovski

Jornalista e escritor curitibano.

Primeiro, único e desastrado encontro com Getúlio

Terno de linho de uma alvura imaculada; e a camisa também era de linho e seus punhos, rigidamente engomados, sobravam além das mangas do paletó jaquetão. De que cor era a gravata? Aqui minha memória claudica, mas acho que era azul claro, com listras brancas e estreitas.

- Sente-se, dr. Silveira.

Joel Silveira

✓ Expediente

Fundado em Setembro de 2010

Edição: Daniel Zanella

Diagramação: Priscila Schip

Revisão: Kelly Knopik

Impressão: Gráfica Helvética

Tiragem: 2000

Edição finalizada em: 01º de dezembro, 20h

🗨️ Contato

Twitter: www.twitter.com/jornalrelevo | Facebook: Jornal Relevo
Envie suas crônicas, críticas e sugestões para jornalrelevo@gmail.com

O Relevo, às vezes, não se responsabiliza pelo conteúdo publicado de seus autores.

Assim como Beatriz guia Dante ao Paraíso, creio que a maior manifestação de amor que consigo prestar a uma mulher é ir com ela à missa de domingo cedo. Nada tenho, de fato, contra autos de fé. Acredito, apenas, que a educação artística elimina a necessidade de se ter uma religião. O padre da paróquia daqui tem a feição dos padres de Nelson Rodrigues, de rosto inchado, grande papada e olhar perdido. É dia de batizado e sinto-me cem anos atrás, nessa igreja de pinturas sem noções de perspectiva e com músicos encantadoramente desafinados.

Há um jornal da missa. Chama-se Deus Conosco. É a edição 49 do ano XLI. Cor litúrgica: verde. É uma manhã de chuva intensa, um certo frio deslocado de sua época, não venta. Depois da missa de uma hora, acontecem os batizados. São quatro hoje. A prima da companheira batizará a filha de nome esplêndido. Tenho um projeto religioso particular: quando meu filho conseguir compreender plenamente o que leio, recitarei trechos completos de livros religiosos de todas as religiões possíveis. Também lerei filósofos questionadores. Deixarei que ele escolha o seu caminho. Se quiser ser batizado, que seja. Se não quiser, contanto que não saia queimando igrejas, tudo bem. Só não pode torcer por outro time que não seja o nosso, meu filho.

A Bíblia tem passagens literárias maravilhosas. Entretanto, esse português barroco incomoda-me sobremaneira. Exemplo: Senhor Jesus Cristo Filho Unigênito.

A coleta do dízimo não deve funcionar muito bem por essas terras. O padre conclama o momento e os fieis doam voluntariamente a quantia que quiserem, o que é

muito digno e nada constrangedor. Só que essa é uma terra de economistas radicais, gente que imigrou e ficou muito tempo em isolamento social, imigrantes que passaram fome e tiveram muitas dificuldades de adaptação. Aqui mal se doa abraço.

Dai a César o que é de César. A famosa parábola é a lição de hoje. Considero-a evasiva. Toda seita que se diz a favor da igualdade deveria agir efetivamente contra a pobreza e contra os desmandos políticos. Acredito somente em doutrinas que pregam o inconformismo. O budismo é uma filosofia relevante, mas como não considerá-lo passivo em determinados momentos históricos?

Acordei excessivamente agitado hoje. Vi a corrida de madrugada e mais uma vez o brasileiro não deu certo. É um desportista com uma pequena nuvem chuvosa a tiracolo. Os mecânicos erraram uma troca de pneus e o companheiro de equipe conseguiu fazer um adversário se embolar com outro no final da reta e acabou galgando posições em um momento decisivo. Vale registrar que por menos de um centilhão e o espanhol não foi atingido. No final, a estratégia dele se demonstrou mais inteligente do que a do brasileiro.

Atrás de mim, uma senhora conversa com outra. Diz que está com a junta do braço doída. A amiga pergunta se não é problema de coluna. A senhora com a junta do braço doída acredita ser um pouco difícil acreditar que o problema seja a coluna.

É no braço que dói. Olha aqui, ó.

Auto de Fé

Daniel Zanella

José Marconi

EXATO
CENTRO EDUCACIONAL

Pré-vestibular e Enem - Ensino Superior Curso Técnico
Preparatório - Graduação Pós-Graduação
Aprendizagem Empresarial e Industrial

Fone: (41) **3552-1542 / 3552-5895**

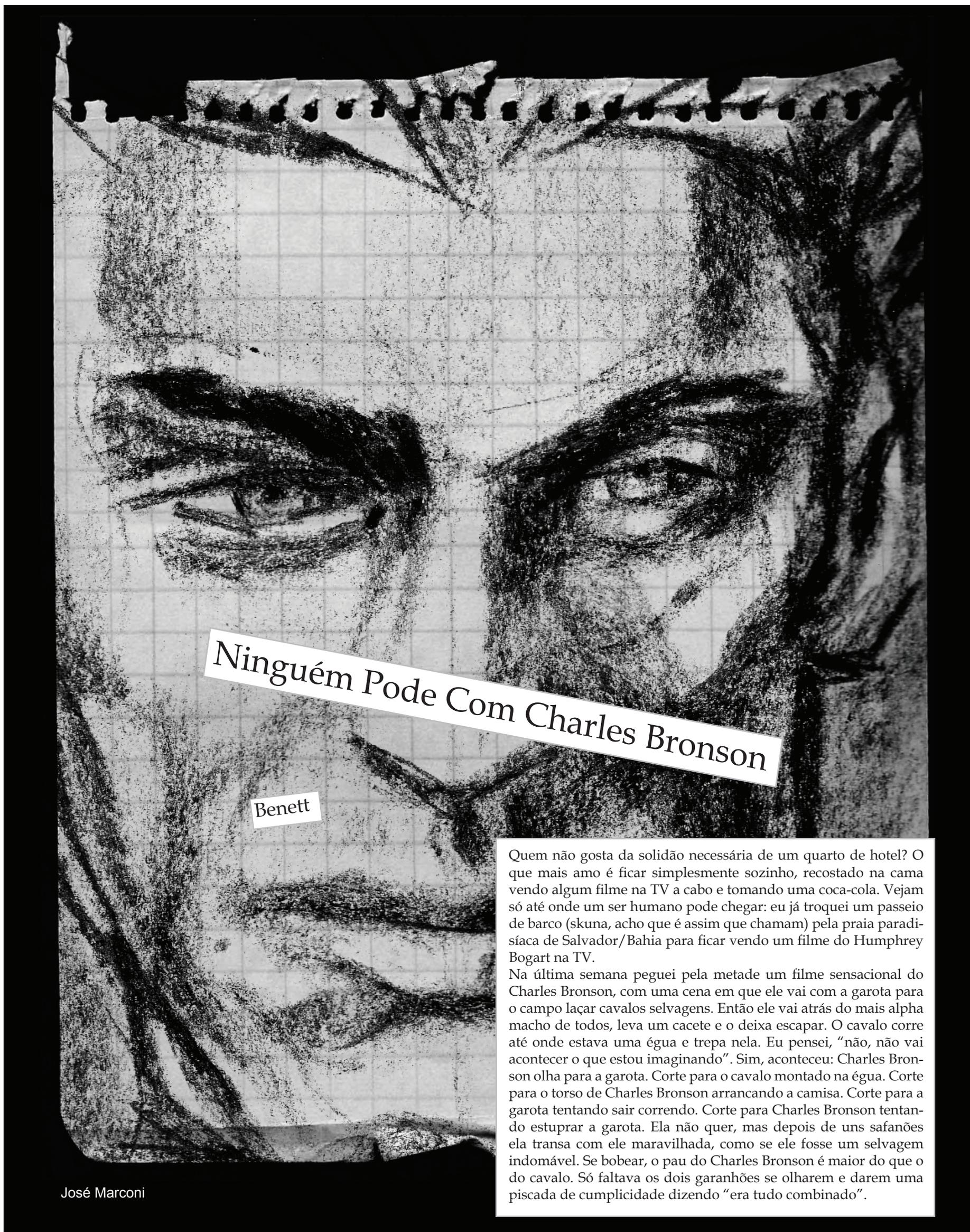
PROCURA-SE DESESPERADAMENTE

Ivan Justen Santana

Pessoas boas que consigam festejar.
Que falem o que sentem bem como o que querem.
Que saibam ser gentis. Respeitem lar e bar.
Mantenham bom humor. E as que vierem e derem.
Que venham sim. Sutis. E demonstrem prazer.
Tanto em cumprimentar quanto em reconhecer.

Gente que leia mais. Frequente lançamentos
No veneno de ler. De avaliar as artes.
De verdadeiramente ampliar conhecimentos
E divulgar o que acha bom por quaisquer partes.
Um público que assista aos genuínos artistas.
Que aplauda sem ligar se assim vai dar nas vistas.

Alguém que não precise do choque de agora.
Que leia isto e tolere este tapa na cara.
Que entenda o que é linguagem. Som. Tom. Dor. Cor. Fora
Tudo mais que não cabe em rima pobre ou rara.
Quem ofereça a face. A fuça. A carapuça.
Fure-se a carapuça. Engula. Cuspa. Tussa.



Ninguém Pode Com Charles Bronson

Benett

Quem não gosta da solidão necessária de um quarto de hotel? O que mais amo é ficar simplesmente sozinho, recostado na cama vendo algum filme na TV a cabo e tomando uma coca-cola. Vejam só até onde um ser humano pode chegar: eu já troquei um passeio de barco (skuna, acho que é assim que chamam) pela praia paradisíaca de Salvador/Bahia para ficar vendo um filme do Humphrey Bogart na TV.

Na última semana peguei pela metade um filme sensacional do Charles Bronson, com uma cena em que ele vai com a garota para o campo laçar cavalos selvagens. Então ele vai atrás do mais alpha macho de todos, leva um cacete e o deixa escapar. O cavalo corre até onde estava uma égua e trepa nela. Eu pensei, "não, não vai acontecer o que estou imaginando". Sim, aconteceu: Charles Bronson olha para a garota. Corte para o cavalo montado na égua. Corte para o torso de Charles Bronson arrancando a camisa. Corte para a garota tentando sair correndo. Corte para Charles Bronson tentando estuprar a garota. Ela não quer, mas depois de uns safanões ela transa com ele maravilhada, como se ele fosse um selvagem indomável. Se bobear, o pau do Charles Bronson é maior do que o do cavalo. Só faltava os dois ganhões se olharem e darem uma piscada de cumplicidade dizendo "era tudo combinado".

O encontro entre ela e a metáfora

Antonio Carlos Senkovski

Vi ela passar e logo mergulhei em seus avisos subjetivos de “não se aproxime”. Acomodou-se no fundo, distanciando-se de um diálogo ou mesmo de uma flechada de olhar. Quis ela sair pela janela quando olhei para trás. Não consegui vê-la, mas também não parava de enxergá-la. Começava ali uma história envolvendo paixão, amor e saber (metafórico e epistemológico). Envolvia ainda um deslocamento, de ônibus, de um bairro afastado a outro. Envolvia a saída da periferia dos acabados para o empreendimento de luxo dos apaixonados.

Na introspecção de um banco duro do ônibus, nada aparecia na mente além do desejo brusco e avassalador de imprensar o olhar dela entre um poema e um beijo. Meia hora nesta clausura incompleta. Tinha um quê de fornecedor de vida aquela martelada contínua que dizia “fale pra ela, fale pra ela”. Mas o prego não entrava nas ideias. A voz de dentro, somente, não era suficiente. Precisava de um elemento a mais, de uma coincidência para virar desculpa. Como ia falar de amor de um jeito que ela acreditasse? Como olhar efusivamente sem parecer um morto de fome por ela? Talvez fosse impossível, afinal eu a queria como um morto de fome, via-a como um e era um (a quatro fileiras de bancos de distância). Desejava pra sempre tanto quanto desejava o sol pouco comum àquelas alturas do dia e os poucos tropeços do cambaleante deslizamento pelo asfalto. Imaginei de olhos fechados que estávamos em uma canoa dessas grandes, sem muitas escalas, com uma música bonita ou duas. Depois chegávamos à ilha, barraca, fogueira, voz e poema.

Sonhava um sonho desses que se sonha sozinho. Do tipo que depois de uma ou duas paradas somem para mergulhar o sonhador na melancolia. Afogado, a vítima (um eu inconformado) lembra-se dos olhos, das bochechas, dos dentes, das coxas, do busto, da camisa

branca com alguma estampa indecifrável e da mochila de bióloga. E pergunta em silêncio, horas depois, em frente à sua tela de computador sem nada escrito, sínico e inconformado com sua existência, por que diabos não disse nada?

Me apaixonei por alguém que não soube meu nome durante um dia inteiro por falta de coincidência, por falta de viver o inesperado. Uma sexta-feira melancólica, terminando com um deslocamento triste e sem cor. Andei até o Centro da cidade sem os olhos insaciáveis da manhã – aqueles que procuravam meu olhar “dizendo”: não chegue perto de mim, mas não me deixe.

No primeiro banco, já não pensava na coincidência que faltava, ela seria um alvo de eternas buscas. Procuraria nos ônibus, nas praças, nas ruas, na internet... Não seria impossível encontrar, fazendo as contas rapidamente. São duas turmas por ano, ela deve estudar a noite, ter entrado na faculdade nos últimos cinco anos. O nome na lista, ela tem cara de que se chama como? Ana, Juliana? Terá 20 ou 21? Gosta de música boa? Ela veria o Chico Buarque comigo? Queria beijá-la.

Pensando nas milhares de hipóteses, sentado justamente ao contrário do lugar que ela havia escolhido de manhã, descí rumo ao samba. Fui assoviando e imaginando a letra do Adoniran: “de tanto levar flechada do teu olhar, meu peito até parece sabe o que”.

Eis que o “flerte fatal” da manhã surpreende próximo à praça com nome de herói da confiança no Centro da cidade. Mostrei os dentes ao dono da Praça Tiradentes, sem medo de tê-los arrancados por um tombo. Sorri, sorri e sorri.

Jennifer atravessava a rua com seu fone de ouvido e um andar apressado. Fez de conta

que não me conheceu e quando já estávamos a uma distância considerada segura pelo seu mesmo olhar de sempre, ariscou uma flechada de longe. Pegou-me em cheio, e causou uma confusão de estímulos ao precipitar água pelo corpo e deixar um coração acelerado. Por cinco segundos, corri perigo de um ataque cardíaco, segundo ela mesma, depois, em off. Mas valeu a pena.

Disse a ela que não poderíamos desconsiderar a coincidência. Com o exercício da estrutura argumentativa dos textos de opinião, bem empostado, em uma voz um pouquinho forçada, e um olhar de morto de fome a trouxeram para mim. Primeiro veio na forma de uma companhia para festa para a qual eu estava indo. Depois, já na festa (ela tinha que voltar logo), veio na forma de um beijo, o melhor em um raio de anos-luz. Aos poucos o cheiro de cigarro do lugar sumiu e Jennifer invadiu meus sonhos e fez o primeiro deles se concretizar, como em um sopro.

Já tenho um mundo sem fundo para guardar todas as coisas que quero fazer com ela. Conquistaremos o campo, a cidade, nos aventuraremos em “canoas” pela cidade, em botes, em bicicletas e em sapatos. Mil beijos por dar, cem mil abraços... com possibilidade de revisão de cálculos. Não contei meus planos ainda, mas vou contar.

Não há ônibus que a traga pra mim agora, as linhas param mais cedo nos domingos. Olho para trás, mas não consigo vê-la, embora não pare de enxergá-la. Os olhos, as bochechas, os dentes, as coxas, o busto, a camisa branca com alguma estampa indecifrável e a mochila de bióloga. Sinto-me imprensado entre a parede da lembrança e um verso ainda mal escrito. Ela me prometeu que nos vemos durante a semana, combinamos de continuar escrevendo nossa história – eu pelo viés metafórico, ela pelo epistemológico.



José Marconi

José Marconi

Eu, o SUS, a ironia e o mau gosto.

Nina Crintzs

Há seis anos, eu tive uma dor no olho. Só que a dor no olho era, na verdade, no nervo ótico, que faz parte do sistema nervoso. O meu nervo ótico estava inflamado, e era uma inflamação característica de um processo desmielinizante. Mais tarde eu descobri que a mielina é uma camada de gordura que envolve as células nervosas e que é responsável por passar os estímulos elétricos de uma célula para a outra. Eu descobri também que esta inflamação era causada pelo meu próprio sistema imunológico que, inexplicavelmente, passou a identificar a mielina como um corpo estranho e começou a atacá-la. Em poucas palavras: eu descobri, em detalhes, como se dá uma doença auto-imune no sistema nervoso central. Esta, específica, chama-se Esclerose Múltipla. É o que eu tenho. Há seis anos.

Os médicos sabem tudo sobre o coração e quase nada sobre o cérebro – na minha humilde opinião. Ninguém sabe dizer por que a Esclerose Múltipla se manifesta. Não é uma doença genética. Não têm a ver com estilo de vida, hábitos, vícios. Sabe-se, por mera observação estatística, que mulheres jovens e caucasianas estão mais propensas a desenvolver a doença. Eu tinha 26 anos.

Right on target.

Mil médicos diferentes passaram pela minha vida desde então. Uma via crucis de perguntas sem respostas. O plano de saúde, caro, pago religiosamente desde sempre, não cobria os especialistas mais especialistas que os outros. Fui a todos – TODOS – os neurologistas famosos – sim, porque tem disso, médico famoso – e, um por um, eles viam meus exames, confirmavam o diagnóstico, discutiam os mesmos tratamentos e confirmavam que cura, não tem. Minha mãe é uma heroína – mãos dadas comigo o tempo todo, segurando para não chorar. Ela mesma mais destruída do que eu. E os médicos famosos viam os resultados das ressonâncias magnéticas feitas com prata contra seus quadros de luz – mas não olhavam para mim. Alguns dos exames são medievais: agulhas espetadas pelo corpo, eletrodos no córtex cerebral, “estímulos” elétricos para ver se as partes do corpo respondem. Partes do corpo. Pastas e mais pastas sobre mesas com tampos de vidro. Colunas, crânio, córneas. Nos meus olhos, mesmo, ninguém olhava.

O diagnóstico de uma doença grave e incurável é um abismo no qual você é empurrado sem aviso. E sem para-quadras. E se você está esperando um “mas” aqui, sinto lhe informar, não

tem. Não no meu caso. Não teve revelação divina. Não teve fé súbita em alguma coisa maior. Não teve uma compreensão mais apurada das dores do mundo. O que dá, assim, de cara, é raiva. Porque a vida já caminha na beirada do insuportável sem essa foice tão perto do pescoço. Porque já é suficientemente difícil estar vivo sem esta sentença de morte lenta e degradante. Dá vontade de acreditar em Deus, sim, mas só se for para encher Ele de porrada.

O problema é que uma raiva desse tamanho cansa, e o tempo passa. A minha doença não me define, porque eu não deixo. Ela gostaria muitíssimo de fazê-lo, mas eu não deixo. Fiz um combinado comigo mesma: essa merda vai ter 30% da atenção que ela demanda. Não mais do que isso. E segue o baile. Mas segue diferente, confesso. Segue com menos energia e mais remédios. Segue com dias bons e dias ruins – e inescapáveis internações hospitalares.

A neurologista que me acompanha foi escolhida a dedo: ela tem exatamente a minha idade, olha nos meus olhos durante as minhas consultas, só ri das minhas piadas boas e já me respondeu “eu não sei” mais de uma vez. Eu acho genial um médico que diz “eu não sei, vou pesquisar”. Eu

não troco a minha neurologista por figurão nenhum.

O meu tratamento, custaria algo em torno de R\$12.000,00 por mês. Isso mesmo! 12 mil reais. “Custaria” porque eu recebo os remédios pelo SUS. Sabe o SUS?! O Sistema Único de Saúde? Aquele lugar nefasto para onde as pessoas econômicas e socialmente privilegiadas estão fazendo piada e mandando o ex-presidente Lula ir se tratar do recém descoberto câncer? Pois é, o Brasil é o único país do mundo que distribui gratuitamente o tratamento que eu faço para Esclerose Múltipla. Atenção: o ÚNICO. Se isso implica em uma carga tributária pesada, eu pago o imposto. Eu e as outras 30.000 pessoas que tem o mesmo problema que eu. É pouca gente? Não vale a pena? Todos os remédios para doenças incuráveis no Brasil são distribuídos pelo SUS. E não, corrupção não é exclusividade do Brasil.

O maior especialista em Esclerose Múltipla do Brasil atende no HC, que é do SUS, num ambulatório especial para a doença. De graça, ou melhor, pago pelos impostos que a gente reclama em pagar. Uma vez a cada seis meses, eu me consulto com ele. É no HC que eu pego minhas receitas – para o tratamento propriamente dito e para os remédios que

uso para lidar com os efeitos colaterais desse tratamento, que também me são entregues pelo SUS. O que me custaria fácil uns outros R\$2.000,00.

Eu acredito em poucas coisas nessa vida. Tenho certeza de que o mundo não é justo, mas é irônico. E também sei que só o humor salva. Mas a única pessoa que pode fazer piada com a minha desgraça sou eu – e faço com regularidade. Afinal, uma doença auto-imune é o cúmulo da auto-sabotagem. Mas attention shoppers: fazer piada com a tragédia alheia não é humor, é mau gosto. É, talvez, falha de caráter. E falar do que não se comporta é coisa de gente burra. Se eu já nunca pisou no SUS – só a TV Globo é a referência mais próxima que você tem da saúde pública nacional, talvez esse não seja exatamente o melhor assunto para o seu, digamos, “humor”. Quem me conhece sabe que eu não voto – não voto nem justifico. Pago lá minha multa de três reais e tals depois de cada eleição porque me nego a ser obrigada a votar. O sistema público de saúde está longe de ser o ideal. E eu adoraria não saber tanto dele quanto sei. O mundo, meus amigos, é mesmo uma merda. Mas nós estamos todos juntos nele, não tem jeito. E é bom lembrar: a ironia é uma certeza. Não comemora a desgraça do amiguinho, não.

AVON

the company for women

Quer revender?
Entre em contato com a gente

Andreza
3642-0818
9642-1045

Cibila
3607-1955
9947-5842

Donaid
3031-5257
9648-7705

Jucélia
3031-2357
9663-7557



José Marconi

O Quase-Flerte

Alexandre Fernandes

Ele não queria estar ali. Era dia de jogo da Portuguesa.
Ela sim. Nem ligava muito para futebol.
Ele não se sentia a vontade.
Ela estava à vontade.
Ele bebia cerveja.
Ela caipirinha.
Ele a percebeu primeiro.
Ela não demorou muito e percebeu que ele estava olhando.
Ele ficou sem jeito.
Ela percebeu isso também.
Ele tentou disfarçar.
Ela sorriu.
Ele sorriu e improvisou um brinde à distância.
Ela convida para uma conversa.
Ele foi ao seu encontro.
Nesse meio tempo começa a tocar a música do "tchetcherere tche tche".
Ela olha para a amiga e diz "Adoro essa música".
Ele ouve o que ela disse e desvia o caminho.
Ela não entende.
Ele não suporta aquela música.
Nunca mais se viram.

Fim.

Quilha coração

Leandro Maia

Tenha fé, caro parceiro, pois a vida é coisa bela...

Há verdade na sentença quando afirma que doença, injustiça, ódio e fome, choro e pranto, desavença, tem no solo raiz forte, infinitamente forte, bem mais forte que tu pensa, e se espalha erva-daninha, brota farta pelo chão...

Pois lhe deixo um aviso, delibere com razão... Passará por tempestade, não importa a idade, raça, credo ou condição...

Toda vida que é vida tem momento de bonança

e se por hora esperança, noutra hora vem a brida te abastando privação...

No entanto a tudo isso emparelha-se carrilho, tal o trem que tem no trilho implacável provação, uma linha paralela sem portilha nem janela, que abre os braços doce amigo a quem perdeu a embarcação...

Sem serpente olhe em volta esse lar de maravilha... Céu, floresta, lago e rio, pasto vasto, mar e ilha...

Como amor de pai pra filha e barçaça

que na quilha tem ditame direção, tem seu norte um alento se navega contra o vento em sua quilha coração...

Não empurra com a barriga!

Te orienta, fanfarrão...

Pra quem cava a própria cova um pepino é lição...

Não enxerga que vitórias e derrotas são de sangue bons irmãos???

De tristeza te saluto...

Faço limpa minhas mãos...

Marconi

Reflexões sobre o tempo

Laura Beal

As maiores lembranças que tenho dos meus “grandes” problemas, insolucionáveis, pelos quais eu achei que nunca mais seria a mesma ou viveria são as palavras de minha mãe, que tentava falar entre meus soluços e lágrimas intermináveis: o tempo vai te mostrar que nada é tão grave assim. E, de fato, rio até chorar lembrando do que eu acreditava ser somente motivo para chorar pela eternidade.

É clichê, é, mas nada mais sábio do que minha mãe me dizia, e ainda diz. Cresci, mas ainda tenho grandes problemas insolucionáveis pelos quais choro e provavelmente riirei em um futuro próximo. E novamente, me lembrarei dessas palavras. Nada como o tempo para transformar problemas em risos e tristezas em nada.

Muitos já cantaram essa minha reflexão sobre o tempo. Seja Roberto Carlos e seus detalhes que transformam todo amor em quase nada, Marisa Monte e o tempo que vai e o vento que vem, e é claro, os que inspiraram o nome desse blog que inicio, Nenhum de Nós, que veem na dança do tempo uma forma de amor. E nas palavras desses gaúchos: por isso olhe, pense, veja, ame.

Para mim, tempo é a única forma de me entregar. Sei que há riscos, mas não há nada que o tempo não cure. Essa é a graça. Saber que nada dura para sempre. Nada é eterno, tudo pode ser mudado. É o que me encanta. Dançar a dança do tempo é se permitir. E viver sem medo.

Esse é só um pequeno texto explicativo do que me levou a escolher esse nome para um blog. Nada mais especial do que o normal, o cotidiano. Nada mais belo. É sobre o que pretendo escrever, meus medos, minhas vontades, minhas reflexões. E só.



José Marconi



José Marconi

Sobre minha caixa de lápis de cor

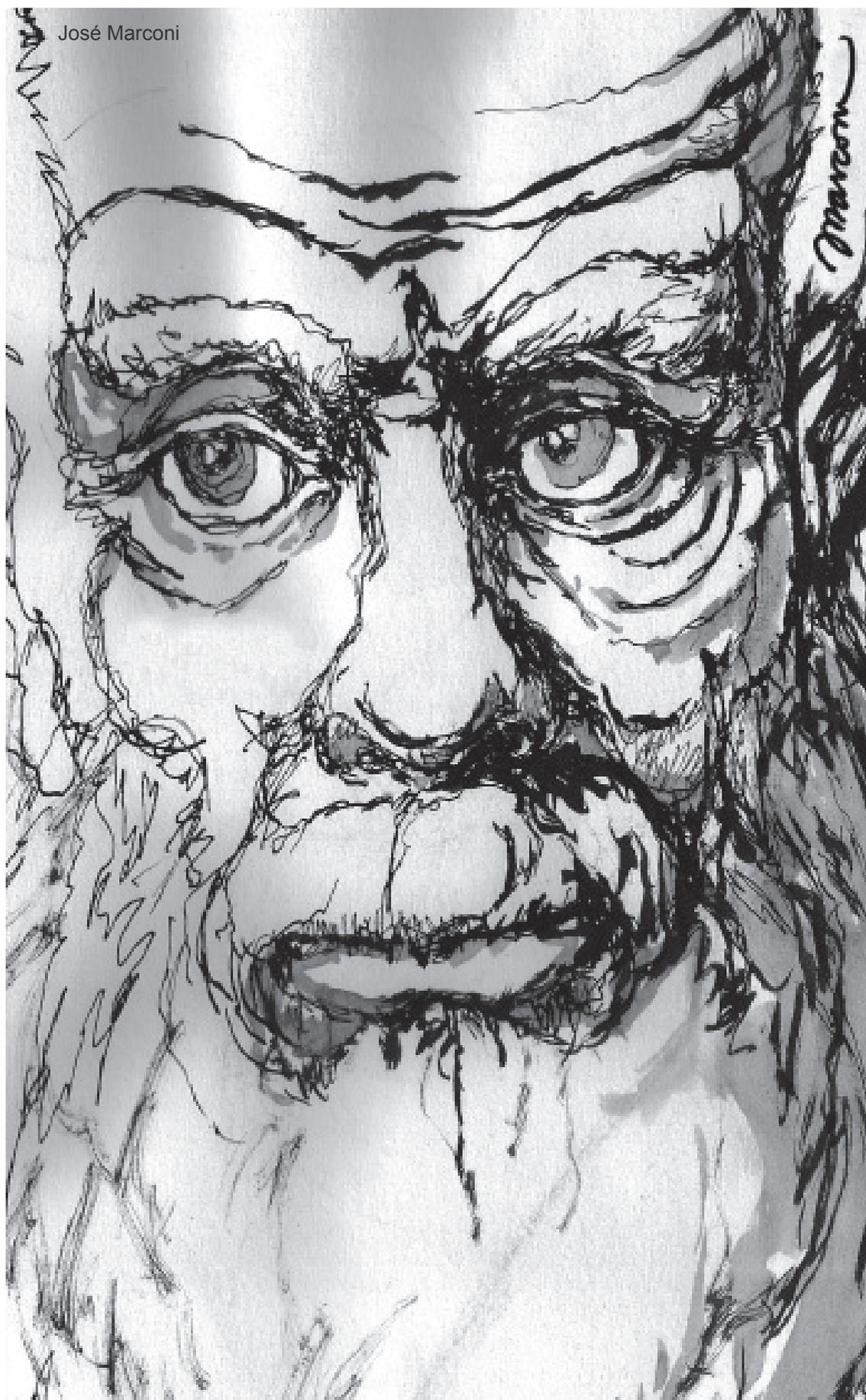
Fernando Mad

Nunca fui muito bom em colorir. Em qualquer coisa que envolva desenho e pintura. Especialmente em colorir.

Aula de educação artística. Nunca entendi esse nome. Era criança caxias e tinha todos os materiais. Minha caixa de lápis de cor era bem diversa e bonita. Eu não sabia usar.

Ela sentava no outro lado da sala. Sua caixa de lápis de cor era diferente da minha. Um dia notei que ela me olhava. No outro sentei perto dela e ofereci a minha caixa. Então ela coloriu com os meus lápis de um jeito que eu nem sabia que era possível.

No dia seguinte as crianças caçoaram da gente. Ela ficou visivelmente desconfortável. Sentei no meu lugar de costume. Mas ela ficou com a minha caixa de lápis de cor.



José Marconi

O Outro

Efraim Rodrigues

Onde você estava ontem de manhã?

Enquanto escrevo a coluna da sexta, para mim ainda é quinta de manhã. Um dia daqueles que a gente se lembra para sempre.

Chova ou faça sol, colunistas têm de ter sua coluna pronta no prazo. Chamam deadline porque é a linha que você sabe que está morto ao cruzá-la. Nesta quinta de manhã estou em um hospital aguardando um serzinho de 8 meses fazer uma cirurgia no crânio. Sinceramente não vejo meio de produzir 2.500 caracteres mais ou menos sensatos sobre ambiente, planeta ou congêneres na deadline de muito logo mais.

Me ocorre agora as muitas vezes que falei mal de pessoas centradas no próprio umbigo enquanto o mundo desmorona. Desmatadores, fumantes, motoristas, mal-educados em geral, gente que joga lixo na rua, a lista é tão grande..., mas um tanto de individualismo me parece ótimo agora.

Quem sabe os altruístas se preocupam mais com os problemas do planeta somente porque têm menos problemas?

Bombeiros, plantonistas de emergência e cirurgiões não costumam preocupar-se com os aspectos ambientais de seu trabalho. Aliás, espero muito que o cirurgião neste momento não esteja pensando no impacto ambiental de centros cirúrgicos.

Talvez haja muita gente por aí vivendo algum problema rotineiramente deste jeito, com algum problema grande e por isso não vejam muito sentido em coletar água da chuva ou compostar resíduos domésticos.

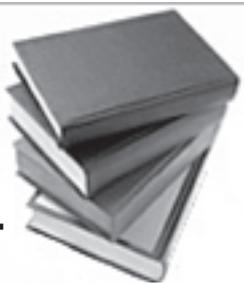
Sempre também falei mal, por exemplo, de gente que senta os filhos em balcões e mesas onde pessoas comem. Sempre me pareceu um recado do tipo "minha dor no braço é mais importante que sua higiene, sua saúde". Eis que ontem me peguei fazendo exatamente isso (mas logo me mudei para um canto). É meio egoísta, mas o bebê fica próximo de você sem precisar segurar.

Muito mais do que a higiene terrestre, se alguém propusesse trocar o mundo inteiro, incluindo balcões, a capela sistina e a galinha pintadinha pelo serzinho de crânio aberto lá dentro, responderia... - Onde é que assina?

É um paradoxo interessante trabalhar para um mundo melhor para nossos filhos e ao mesmo tempo dispor-se a trocá-lo por eles, mas por outro lado, que uso ele poderia fazer da própria vida sem um mundo para viver e descobrir?

Depois de horas escrevendo o textinho meia-boca desta semana, recebemos a notícia que tudo está bem.

- Que será que fazem com as fraldas no hospital? Será que deixam levar as fraldas sujas do meu serzinho para compostar em casa? Talvez o segredo dos ambientalistas seja enxergar seus próprios problemas menores que os do resto do mundo.

BANCA
Zanella 

* Jornais * Revistas * Livros
 * Recargas de celular * Presentes **41 3031-6594**

Rua Pref. Aleixo Grebos, 210, Fazenda Velha - Araucária - PR
 (ao lado do Peritran - próximo à Câmara Municipal)

Rua João Pessoa, 35
Tels: 3642-3690/3031-7040
fiskaraucaria@fiskaraucaria.com.br
www.fiskaraucaria.com.br

FISK ARAUCÁRIA

Epístola de São Judas

Giuliana Alboneti

No chão do coletivo está sentado um homem, com suas roupas rasgadas e sujas, debruçando a cabeça sobre a leitura da Epístola de São Judas. A viagem segue com poucos passageiros, é tarde, e eu volto de uma paléstra sobre a importância da literatura.

Minha cabeça fervilhava, ali, diante da cena silenciosa e emocionante, eu vejo um leitor. Independente de tudo, um leitor. Quantos neste dia buscaram num texto a porção de outros para aumentar a sua?

Aquele homem ali no chão, quais os motivos e o porquê da minha admiração? O mendigo se dissipa na ausência de sua condição de leitor.



José Marconi

A última dança

Maria Carolina Lippi

Unhas feitas, cabelo e maquiagem impecáveis. Salto alto e aquela roupa que lhe faz sentir bem consigo mesma. Noite de festa é sinônimo de dia animado e pensamento no que a escuridão pode revelar. Mas depois de muito tempo sem ele parece que ainda lhe falta um pedaço.

Lembrou-se das vezes em que ele era sua festa, não importava a hora e o lugar, tudo parecia ser uma longa dança. O passado tem a péssima mania de aparecer em horas impróprias e quebrar encantamentos da garota que acreditava sem dúvida alguma no sentimento recíproco de todos que passaram por suas vidas, principalmente o dele, que não existiu.

Se arrumou, não poderia deixar que “aquilo”, exatamente o que ele era, lhe estragasse a noite. Encontrou amigos, reviveu outros passados, dançou, foi cortejada, se sentia completa. No meio da pista nunca ninguém a segurou, e não foi desta vez diferente.

Porém, parou. Parou por um segundo e escutou a letra estúpida daquela música boba. Tantas outras poderiam lembrar daquilo, mas essa sempre terá um tom diferente desde a última vez que dançaram juntos. A letra afirmava um futuro que os dois sabiam que não iria existir, e naquele momento que ficou gravado na sua memória para sempre parecia ter um pouquinho de esperança.

A música acabou e tudo que há muito tempo ela acreditava que teria deixado para trás ficou ao seu lado. Tudo voltou a ficar sem sentido, dançar não tinha mais graça, o local parecia inadequado, deslocado. Na mente a música, a dança, os sorrisos, a mão na cintura e os beijos. O olhar de quem gostaria que o mundo parasse naquele momento e a noite não passasse tão rápido.

Passou, como quase tudo. A certeza, a esperança e a confiança foram deixando para trás somente a nostalgia; e infelizmente ela sabe que representa a marca deixada e que nunca, nunca será apagada.

Venha aprender a dançar e divertir-se num grande espaço de lazer.

ESPAÇO Estilo
O Primeiro da Dança

Escola de Dança Espaço Estilo está abrindo matrículas de novas turmas para a segunda quinzena de janeiro, nas seguintes modalidades:

- Zumba
- Fitness
- Balé Infantil
- Tango
- Dança de Salão
- Dança do Ventre e Street Dance

Vagas limitadas. Informações:
3642-3334 / 8403-0930

Panificadora e Confeitaria
Pão e Vinho

Trabalhamos com livros sob encomenda
(41)3642-3552

Av. Dr. Victor Ferreira do Amaral, 1136 - Centro - Araucária - PR

Vai Lusa, vai ser feliz

Flavio Gomes

No exato momento em que escrevo, há uma pequena bandeira pendurada na janela. Ela está lá faz alguns dias, tomando sol e chuva, ao vento. Faz frio, um frio incomum nesta época do ano.

Olho a pequena bandeira e lembro de mim, e de alguns outros, tomando sol, chuva e vento em tantas tardes e noites naquelas arquibancadas que, a esta hora, devem estar desertas e silenciosas como quase sempre.

Minha história recente, nossa história recente, tem sido assim. Ao sol, na chuva, ao vento, em arquibancadas quase sempre desertas e silenciosas. Nossas doses semanais de vida: pequenas alegrias, grandes decepções, enormes e inaláveis esperanças.

Esse jogo de bola nos dá tudo isso, mas é preciso sentir a arquibancada fria ou o sol na cara para compreender o quanto ele nos confronta com tudo aquilo que a vida lá fora oferece. Exultar com a vitória, aceitar a derrota. Entender que tudo é passageiro e efêmero. Só o jogo de bola faz isso.

Naquelas arquibancadas, somos todos iguais. Disso não há dúvida. Somos todos idênticos nas breves alegrias e nas tristezas duradouras. Nesse jogo de bola é assim: alegria dura pouco, tristeza parece que não acaba nunca.



José Marconi

Mas sempre há uma esperança, a esperança no próximo jogo de bola, e um dia a gente percebe que tudo valeu a pena, cada noite na arquibancada deserta, cada tarde solitária nos degraus silenciosos olhando para a grama verde, aquele palco onde nem tudo acontece como a gente gostaria.

E um dia acontece tudo como a gente queria. Vale a pena a espera, ô se vale. Que seja uma única vez na vida, é o bastante. E foi assim neste ano, desde o primeiro jogo do campeonato de jogo de bola, o primeiro gol, o primeiro abraço no desconhecido ao seu lado.

Não lembrarei nunca dos resultados, são muitos e a memória, ultimamente, anda recusando tanta informação. Mas lembrarei de cada abraço no desconhecido ao meu lado, de cada lágrima que tentei esconder, de cada par de olhos vermelhos meio envergonhados, de cada sorriso trocado, de cada quilômetro de estrada rumo ao estádio distante, de cada minuto num aeroporto qualquer voltando de outro estádio distante, de cada sacolejar no ônibus que nos levou a um destino que é só nosso, e só a nós cabe a busca.

Lembrarei para sempre do momento em que gritamos, todos juntos, que somos campeões.

Le Corp
fotodepilação e estética

fotodepilação . limpeza de pele . bambu terapia . pedras quentes
drenagem linfática . massagem modeladora . desintoxi redução
gesso terapia . massagem relaxante . esfoliação . máscaras faciais

Av. Victor do Amaral, 1448 . Centro . Araucária . Tel: 41.3031-1358

- PASSAGENS AÉREAS
- RESERVAS DE HOTÉIS
- LOCAÇÃO DE VEÍCULOS
- PACOTES TURÍSTICOS
- CRUZEIROS MARÍTIMOS

AGILLE
Viagens & Turismo

PRODUTOS NACIONAIS E INTERNACIONAIS

Tel.: 41 3044.2801 | www.agilleviagens.com.br

Av. Dr. Victor do Amaral, 588 - Loja 13
Shopping ONIX - Araucária / PR